

7.

Referências bibliográficas

Allwright, D. Six Promising Directions in Applied Linguistics. In: GIEVE, S.; MILLER, I. K. (eds.). *Understanding the Language Classroom*. Palgrave Macmillan, 2006.

BASTOS, L. C. Narrativa e Vida Cotidiana. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.7, n.14, p. 118-127, 1º sem. 2004.

_____. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*. UNISINOS, São Leopoldo, RGS, v. 3, n. 2, p. 74-87, maio/agosto, 2005.

_____. Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópio* vol. 6, n. 2, p. 76-85, 2008.

BAKHTIN, Michael. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BALOCO, A.E., CARVALHO, G., SHEPHERD, T.M.G. Students' attitudes towards affirmative action in Brazilian universities. In: *33rd International Systemic Functional Congress*, 2006.

BALOCCO, A. E. O sistema do engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In Orlando Vian Jr et al. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Identidade: entrevista a Benetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

_____. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 18, Autumn, 1991, p. 1-21.

_____. Life as Narrative. In: *Social Research*. vol. 71: n.3: Fall, p.691-710, 2004.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach. In: *Discourse Studies* 7 (4-5): 585-614, 2005.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI; CAVALCANTI (orgs.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. Perguntas ainda sem resposta na formação de professores de línguas. In: GIMENEZ, T. e GÓES MONTEIRO, M. C. de (Organizadoras). *Formação de professores de línguas na América latina e transformação social*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

CORACINI, M. J. (Org.). *Identidade e Discurso*. Argos/Ed. Da Unicamp, 2003.

CUNHA, Marcus Vinícius. *Psicologia da Educação*. Rio: DP&A, 2002.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUSZAK, A. *Us and Others. Social identities across languages, discourses and cultures*. (Introdução). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço da desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. In: *VEREDAS - Revista de Estudos da Linguagem*, Juiz de Fora, v.6, n.2, p. 11-29, jul/dez, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FONTANA, A.; FREY, J. H. Interviewing: the art of Science. In: DENZIN & LINCOLN (orgs.). *Handbook of qualitative research* (pp.361-376). London: Sage Publications Inc, 1994.

GEORGAKOPOLOU, A. The other side of the story: towards a narrative analysis of narratives-in-interaction. In: *Discourse Studies*. 8; 235. London: Sage Publications, 2006.

GIEVE, S.; MILLER, I. K. What do we mean by quality of classroom life? In: GIEVE, S.; MILLER, I. K. (Eds.). *Understanding the language classroom*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LINDE, C. *Life stories: The creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.

_____. Evaluation as linguistic structure and social practice. In: B.L. Gunnarson, P. Linell & B. Nordberg, (Eds.). *The Construction of Professional Discourse*. London: Longman, 1997.

MAGALHÃES, C. E. A. *Então me bateu um grande frio na barriga. Em cena, o professor coordenador de inglês: um estudo sobre identidade e avaliação*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

MARTIN, J. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In: S. Huston & G. Thompson. *Evaluation in Text* (p.142-175). Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J.; WHITE, P. *The language of Evaluation: Appraisal in English*. Great Britain: Palgrave/Macmillan, 2005

MARTINS, H. H. T. S.. *Metodologia Qualitativa de Pesquisa. Educação e Pesquisa* (USP), v. 30, p. 289-300, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2014.

MILLER, I. K. Construindo parcerias universidade-escola: caminhos éticos e questões crítico-reflexivas. In: GIMÉNEZ, T. & GÓES, M. C. M., (Eds.), *Formação de Professores de Línguas na América Latina e Transformação Social*. Campinas, SP: Pontes, 2010, p. 109-129.

MISHLER, E. G. *Research Interviewing: Context and Narratives*. USA: Harvard, 1986.

_____. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.). *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: TELLES RIBEIRO, B.; COSTA LIMA, C.; LOPES DANTAS, M. T. (Orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001.

_____. (org.). *Socioconstrucionismo: Discurso e Identidades Sociais*. In: *Discursos de Identidades: discurso com espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade, profissão, na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.

_____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b.

_____. On being white, heterosexual and male at school: multiple positionings in oral narratives. In: D. SCHIFFRIN; A. DE FINNA e M. BAMBERG, *Identity and discourse*. Oxford, Oxford University Press, 2006c.

_____. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. In: *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Letras e Linguística*. Nº 27, vol. 2, 2009.

MORAES BEZERRA, I. C. R. *Com quantos fios se tece uma reflexão? Narrativas e argumentações no tear da interação*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

_____. *Formação de Professores de Inglês: embate e caminhos na construção do conhecimento e da identidade profissional*. Dissertação de Mestrado no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2000.

NÓBREGA, A. N. C. *Narrativa e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociosemiótica*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RIESSMAN, C. K. Looking back, looking forward. In: *Narrative methods for the human sciences*. Los Angeles: Sage Publication, 2008.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. *Dedicação, frustração, sucesso, dúvidas: construção de identidades profissionais nas narrativas de professores de inglês*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

SACKS, H. On doing “being ordinary”. In: Atkinson, J. Heritage, J. (Orgs.). *Structures of social action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SANTIAGO, A. C. S. *Quem sou eu, quem somos nós?: Membros do grupo da Prática Exploratória buscando entender suas próprias narrativas de experiência*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

SARUP, M. *Identity, Culture and the Postmodern World*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

SILVA, T. P. *Performances narrativas de e sobre um professor homoerótico “fora do armário”*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

SILVEIRA, R. M. H.; SANTOS, C. A.. Revistas pedagógicas e identidades de professor/a: quem é o docente de *Profissão Mestre* e *Nova Escola*. In: BASTOS, L. C.; MOITA LOPES, L. P (orgs.). *Estudos de identidade: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

SCHIFFRIN, D. How a story says what it means and does. *Text*, v. 4, n. 4, p. 313-346, 1984.

SNOW, D. *Collective identity and expressive forms*. University of California, Jan 2001. Disponível em: <http://www.escholarship.org/uc/item/2zn1t7bj#page-2>. Acesso em: 10 ago. 2013.

TÍLIO, R. Reflexões acerca do conceito de identidade. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Vol VIII Nº XXIX, Abr-Jun, 2009.

TURA, M. L. R.; MARCONDES, M. I. O mito do fracasso escolar e o fracasso da aprovação automática. *Cadernos de Educação*. Pelotas [38]: 95-118, janeiro/abril, 2011.

WHITE, P. *Appraisal homepage*. Disponível em www.grammatics.com/appraisal/ [2001] 2012. Acesso em 27 ago. 2013.

WILSON, Carmen D. *Relações interpessoais em um fórum de discussão online: a perspectiva sistêmico-funcional em práticas discursivas de ensino a distância*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

8. Anexos

TRANSCRIÇÃO DA CENA UM

Suelen	01	eles perguntam pra vocês “ah:: tia você tem quantos filhos?”
Carla	02	ah, eles acham o máximo o máximo não, assim, [assustador]
Suelen	03	[é:: hh]
Carla	04 05	você ter vinte e quatro anos, vinte e três anos e [“ <u>não tem filho ainda</u> na sua idade minha mãe já tinha num sei quantos”]
Suelen	06	[é:: ((risos))] °tem catorze e já tem dois°
Tainá	07 08 09	eu até conversei com uma aluna minha sobre isso ela veio “professora, cê é casada?” não.” tem namorado?” não. “você num tem nada, professora?”
Todas	10	[((risos))]
Tainá	11	[não] “ <u>cê num tem filho?</u> ” ela arregalou [o olho ficou desesperada].
Suelen	12	[ficou pra titia]
Tainá	13 14 15	“mas ↑como quem vai cuidar de você professora? Num po:de. num tem como <u>assim</u> num tem um filho num tem nada. isso é muito estranho num sei que” ela ficou pra morrer.
Tati	16	[tipo como se você fosse já velhinha, precisa de alguém pra cuidar]
Tainá	17 18	[ela gosta de mim e...assim.] “essa minha professora tá muito ferrada, hh não tem ninguém” []
Carla	19 20 21 22 23	[eu dou aula pra] aluno de projeto, que tem catorze, quinze anos, e eles tavam comentando esses dias que eles tavam perguntando a minha idade. a mãe <tem mãe de trinta> <u>é mãe deles</u> tem trinta anos e eles já tem (), aí perguntam pra mim, vou fazer vinte e cinco e eles ficam assustadíssimos.
Tainá	24	[porque é a realidade né]
Carla	25 26 27 28 29	[porque] a mãe daqui a pouco já é avó né. eles com quinze dezesseis, também talvez já vão fazer um. aí... eles ficam assustados e falam “não mas a minha irmã tem a sua idade e já tem dois. num sei quem já teve três” .hh ... eu não ser casada e principalmente eu <u>não</u> ter filho né, acho casar é mais um bônus. hh mas não ter <u>filho</u>
Suelen	30	eles se ajuntam né () .hh
Carla	31 32	e normalmente, tem alunos que tem irmãos pela escola inteira. Porque o pai já fez filho com a mãe de todo mundo e mais um pouco. hh
Suelen	33	°poucos tem pai° ...agora eu fiquei numa situação no dia dos pais.
Thami	34	você fez aquele trabalhinho?
Suelen	35 36 37 38	não eu fiz não, porque não, no outro. assim no primeiro ano, assim que eu entrei...eu: estava no 3° ou 4° ano e eu fui fazer, ah <u>dia dos pais</u> , aí poucos tinham pai né uns tinham morrido, tavam preso. [eles me falaram]
Thami	39	[muito pai preso né]
Suelen	40	aí no segundo ano eu fiz o dia da família. só que aí nesse esse -
Tainá	41	[pro dia dos pais?]
Suelen	42	é. () aí foi o dia da família.
Tainá	43	mas aí faz o dia das mães [também?]
Thami	44	[boa saída]
Suelen	45	faço dia das mães e o dia da famí::lia. ((risos))

Tainá	46	[porque mãe normalmente tem]
Thami	47	[BOA IDEIA]. gostei
Suelen	48 49 50 51	dia da famí::lia: aí que tem um pai, aí nessa semana...eles comentaram. porque eu falei, “ah é dia dos pais”. porque eles são maiores. eles tem quinze anos... poxa, tem dez, tinha dez alunos na sala e eles falaram. dois tem pai. dois <u>conhecem</u> o pai.
Thami	52	conhecem mas provavelmente não moram na mesma casa né?
Suelen	53	é: assim pelo menos de ter contato. os outros não.
Thami	54	nem sabem quem é
Carla	55 56 57	eu não fiz também, porque eu fico principalmente, quando eu faço trabalhinho, eu faço já com as crianças pequenas, e eu fico <u>com medo</u> de []
Tainá	58	[eles <u>choram</u>]
Carla	59 60	da reação. dia das mães eu faço. porque mãe a maioria (), e as vezes eu falo assim. “quem não mora com a mãe mas [mora com a vovó?]”
Suelen	61	[com a tia]
Carla	62	às vezes mora com avó né
Suelen	63	sempre tem uma figura materna [agora]
Carla	64 65 66	[é] agora... pai, as vezes não tem. aí é melhor não fazer, porque depois vai chorar ou então vai chegar em casa e falar alguma coisa. aí eu falei, é melhor evitar...isso aí. porque a maioria não tem mesmo.

TRANSCRIÇÃO DA CENA DOIS

Thami	01 02	mas cês acham que eles aprendem? assim inglês pelo menos que é o que a gente trabalha? () uma palavra palavras pelo menos [da pra]...
Tainá	03 04	[de vez] em quando eu me surpreendo com alguém que aprendeu alguma coisa. eu chego e eles me cumprimentam em inglês. aí eu falo “ <u>opa</u> ”...
Suelen	05	eles falam good morning []
Tainá	06 07	[não foi: assim], não foi totalmente em vão. eu sei que: assim... verbo to be... 5% aprendeu.
Carla	08 09	você vai explicar o ano inteiro uma coisa e eles tão perguntando [o que que é aquilo].
Tainá	10 11 12 13 14	[5% aprendeu] eu não vou continuar no verbo to be. eu to chegando agora no:: entrei num assunto de rotina vou entrar com o simple present e não quero nem saber... ma:s eu sei que alguns aprenderam. esse ano tá muito bom. tem muito <u>nove</u> . e e eu corrijo a prova MESMO. separo quantos
Thami	15	você dá aquela prova do >da learning factory< que tem lá no site?
Tainá	16 17	não não, eu faço uma prova. eu nem conheço isso aí, vou olhar. então, assim tá muito melhor, mas para a maioria... é recreio []
Thami	18 19	[você consegue?] você tem aluno que tira nove na prova? mas eles colam, você dá prova com consulta:: como é que funciona? hh
Tainá	20 21 22 23	não, é prova prova. senta e faz. tem semana de provas. então são outros professores que aplicam...provavelmente. geralmente a minha prova acaba nem caindo no meu dia. e eles são...acho que bem mais
Carla	24 25 26 27	ano passado eu tinha uma turma de oitava e uma turma de nono ano. então assim... eu senti que alguns aprenderam alguma coisa. porque >exatamente tem isso<. tem a semana de prova, então eles, no mínimo eles tinham que estudar pra passar. eu dava prova mesmo,

	28	consulta em dupla ou nada disso. minhas turmas tinham quarenta e
	29	poucos alunos. e você tem na sua cabeça também você tem que é tentar
	30	ensinar a eles o máximo também, porque <u>não pode reprovar</u> . então num é
	31	que, eu não dava prova fácil. eu tentava fazer eles aprenderem da maneira
	32	que que eles conseguissem fazer a prova pelo menos também. então
	33	assim, <u>insistia</u> nas matérias e acaba não dando, por exemplo, em seis
	34	meses, as vezes dava pra você dar vários tempos verbais. mas assim não
	35	dá, pra ele aprender você fi:ca ali muito tempo. pelo menos era assim.
	36	mas eu tive alunos <u>sim</u> , que saíram lá do nono ano sabendo alguma coisa.
	37	esse ano que, segundo seguimento eu só pego projeto. eu dou as vezes,
	38	esses dias eu dei preposições de lugar. eles copiaram, eles fizeram dever
	39	na hora. mas chegar a semana que vem e eu botar a mesma coisa, e eles
	40	ficam “o que professora? quando que a gente viu isso? a gente viu isso
	41	não.” porque são coisas que a gente dá porque é gramática mas eles vão
	42	passar assim despercebido na cabeça deles. eu dei uma música. a música
	43	eu acho que entrou na cabeça. agora a <u>gramática</u> . hh
Tainá	44	mas eu acho também que a gente não pode achar que é má vontade deles.
	45	porque eu tava observando uma coisa que aconteceu semana passada,
	46	acho que foi semana passada. o menino virou pra mim e falou assim...
	47	“professora, você pode escrever melhor ali no quadro?” aí eu “melhor por
	48	quê? a letra tá bem desenhada dá pra você entender”. “é que você tá
	49	escrevendo <tudo em inglês>”. aí eu olhei pra cara dele... tava em
	50	português, <u>ou seja</u> , ele não sabe ler. não sabe ler. se ele não tá
	51	diferenciando inglês de português, ele não sabe ler.
Suele	52	qual qual o ano?
Tainá	53	sexto ano. ()
Suele	54	mas isso é <u>normal</u> .
Tainá	55	eles não sabem ler, <u>então</u> . o que que eles fazem, eles <u>copiam</u> porque eu
	56	vou dar visto, porque eles sabem que vale ponto.
Suele	57	muitos copiam e não sabem o que estão [copiando].
Tainá	58	[muitos copiam]. então por que eles não sabem na outra semana? num é
	59	porque: eles tão com má vontade, >é claro que tem muitos com má
	60	vontade< não fazem nada, mas não é só porque tão com má vontade, ou
	61	preguiça. <u>é porque eles não sabem ler</u> .

TRANSCRIÇÃO DA CENA TRÊS

Tainá	01	é nessas horas que eu dou um fora. eu tava no quadro e falam alto pra
	02	você ouvir. “se eu fosse a professora ia pra casa.” aí eu nem me movi e
	03	continuei, “se eu fosse você eu calava a boca.” “ae:: uh::”
Carla	04	ah é eles adoram, você dá um fora em unzinho. a turma toda adora
Tainá	05	aí, é o momento, depois desse u u que eles calam a boca, e aí você vai e
	06	taca matéria, que aí eles aprendem alguma coisa. porque ficaram calados
	07	depois do fora. e, eu acho isso chato cara. eles só, se, só param um
	08	pouco na grosseria. não conseguem, sabe? [ter um diálogo]
Carla	09	[mas tem professor] que fala isso pra mim. que é grosso porque eles só
	10	entendem na grosseria. você ser...carinhosa, você ser legal, eles pisam
	11	em cima [de você].
Tainá	12	[mas é o que] eu tava conversando lá. os professores mais velhos. são
	13	poucos mas são os mais respeitados. eles chegam e você passa assim,
	14	você vê... todo mundo quietinho, copiando, fazendo. a maioria dos mais
	15	novos, <u>que são os ama:dos</u> . e::u, o professor de ciências. sabem que são

	16 17	os esculachados. por que? os mais legais não tratam eles de qualquer jeito, não ficam []
Todas	18	[é::]
Tainá	19 20	não puxam pelo braço. sabe, <u>tudo</u> é na base do medo. eles não tem medo de você. eles gostam de você en[tão]
Carla	21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37	[aqui em São Gonçalo] quando eu dou aula. eu vejo muito assim, os professores que até, todo mundo sabe que: tem o maior respeito. que a turma toda tem medo, respeitam. mas na hora de eleger um professor representante, não são esses. esses não são escolhidos. escolhido é você que é legalzinha, você que deixa ir no banheiro toda hora. você que é boazinha, que trata eles que conta da sua vida. eu sou assim cara, eu sou assim com meus alunos. eles são adolescentes eu acho o máximo, eu já passei por isso. eles me perguntam, eu converso. eles me enrolam às vezes, eu converso e tal. eles me escolhem <u>pra tudo</u> . eles querem que <u>eu</u> ajude eles a dançar, <u>eu</u> ajude eles a fazer isso, eu ajude - mas eles dizem, “ih só na sua aula que acontece isso. só na sua aula que tem essa bagunça. só na sua aula” por que... eu não chego lá gritando, não chego lá não mando <u>quase</u> ninguém descer. não tiro de sala, não dou advertência, suspensão. eu deixo passar, fico ameaçando e não faço. os outros professores não. olhou pro lado, “DESCE, advertência lá embaixo”. eles mesmos falam. eles odeiam, acham os professores super chatos, mas respeitam. é, é muito difícil [você equilibrar]
Tainá	38 39	[e é triste né.] porque, <u>eles</u> sabem, eles falam, “ah só na tua aula que acontece isso”, “pô, professora. não vai fazer nada não?”
Suelen	40	é, é.
Carla	41	é eles falam mesmo.
Tainá	42 43 44 45	esses dias, foi o que. na volta das férias eu fiz alguma coisa, “cala a boca gente, num sei o que lá”. aí a menina virou e falou assim... “ih, voltou querendo fingir que é professora.” pô, aquilo eu fingi que não ouvi, porque [ela não falou pra eu ouvir]
Thami	46	[<ah não acredito. >]
Tainá	47 48	e aquilo sabe, pô magoa. estudei tantos anos. to querendo fazer um trabalho legal com [eles]
Carla	49	[eu vivo escutando isso]
Tainá	50 51	[e] eles falando que eu <u>não</u> sou professora. o que que eu to indo fazer lá? to indo [brincar com eles?]
Suelen	52	[outro dia eles falaram assim pra mim]
Thami	53	[fiquei arrepiada com essa história]
Tainá	53 54	[é] é triste, eu ouvi, eu vi que ela não falou pra eu ouvir, fingi que não ouvi, mas fiquei chateada.
Suelen	55 56 57 58	() falou assim “não gosto de você”, “engraçado eu também não gosto de você” porque eles falam assim “ah você não é uma boa professora” aí eu viro pra eles e falo “vocês são bons alunos?... a medida que vocês forem melhores alunos comigo eu vou ser melhor professora com vocês”.
Thami	59	eu também tenho [<u>muitos</u> alunos que não gostam da aula]
Suelen	60 61 62 63 64	[porque eles acham que tudo é você] que eles não têm que participar, que eles não têm que fazer nada, que eles não têm que trazer material. porque e::les ali, a cultura da prefeitura do rio então, é assim... os alunos tem to::dos os direitos do mundo. os <u>pais</u> dos alunos tem to::dos os direitos do mundo. e o professor não tem direito <u>NENHUM</u> .

TRANSCRIÇÃO DA CENA QUATRO

Carla	01	por que que existe décimo quarto? é ótimo? é ótimo, eu vou receber. Hh
	02	vai ser ótimo ganhar um salário a mais, mas isso [tá comprado]
Suelen	03	[é uma máfia]
Tainá	04	[() ganha dinheiro]
Suelen	05	[a] professora antiga – tá gravando hh a diretora antiga era uma bruxa.
	06	sabe aquela pessoa antiga? Tinha 25 anos como diretora da escola. e ela
	07	era da época [de]
Tainá	08	[po]de isso? é mutreta né?
Suelen	09	ela era da época de indicação política, aquilo ali é cargo:: de confiança
	10	né antigo cargo de confiança e ela bordava e pintava ali, ela era assim da
	11	CRE né, já tava ali um século. e aí ela falava assim, pras professoras.
	12	“você tem a mão muito pesada”. ela ficava, ela era uma pessoa
	13	extremamente sarcástica, então ela ficava assim ((fazendo gesto com as
	14	duas mãos para baixo)) que as professoras tinham a mão pesada e –
Thami	15	como assim?
Suelen	16	que elas não passavam os alunos. por exemplo, o aluno não sabia ler,
	17	então elas não passavam. e ela achava que <u>tinha</u> que passar.
Carla	18	mas, vou te falar... quem ganhou, são quatrocentas e poucas escolas né,
	19	que saiu no jornal. é mutreta. <u>não existe</u> colégio que cumpriu meta, por
	20	[cumprir a meta bonitinho.]
Tainá	21	[mas as metas são muito <u>baixas</u> .] já viu a meta?
Carla	22	porque... são baixas mas a gente consegue ser menos do que aquela meta
Tainá	23	é: então assim cinco pontos [pra ganhar]
Carla	24	[porque a minha escola no ano passado,] não tinha ganho. <u>cara</u> , é media
	25	é três e pouco, quatro e pouco, sei lá. como isso? né, é menor do que a
	26	média, que a média é cinco.
Tainá	27	é:
Carla	28	a minha escola no outro ano não tinha ganho, quando eu entrei lá eles
	29	tavam já todos revoltados porque não tinha ganho. <u>cara</u> , a minha
	30	diretora, ela falava “ <u>ai</u> , a CRE me pressiona”. ela deu limite no final do
	31	ano. era 10% de reprovação por turma, ou seja, só podia reprovar três
	32	quatro alunos. e mesmo assim, “ah, gente, quatro e meio é <u>cinco</u> né. não
	33	vai dar quatro e meio pra um aluno”. e aí você acaba colocando. tem um
	34	monte de professor ali que tá ali de saco cheio. você ainda tá falando
	35	isso. a possibilidade de ganhar um salário <u>a mais</u> , no outro ano, <u>hã tá</u>
	36	<u>bom</u> . e:::u vou me estressar? é o que muitas pessoas falam, “eu vou me
	37	estressar? vou dar cinco pra todo mundo.” deu cinco pra todo mundo e
	38	vai ganhar o dinheiro dele. é o que o prefeito quer mesmo, tá comprando
	39	a gente, pra você mudar. [mudam as notas.]
Suelen	40	[isso é aprovação] automática.